



# UNIDADE

Sindicato dos  
**JORNALISTAS**  
PROFISSIONAIS NO  
ESTADO DE SÃO PAULO

**CUT** BRASIL  
CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES

**FENAJ**  
FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS

Órgão Oficial do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo

## Audálio Dantas, presente!



1929 · 2018

**Participe das eleições**  
Sindicato elege nova  
direção de 7 a 9/8

pág. 14 e 15

**Especial**  
Encarte em homenagem  
a Audálio Dantas

págs. 5 a 12

**Correio Popular**  
Greve completa mais  
de quatro meses

pág. 13



## SJSP e o leitor

**Duda C.:** Qual é o telefone/Whatsapp do Sindicato para tirar dúvidas trabalhistas?

**SJSP:** É possível tirar dúvidas trabalhistas com os sindicalistas pelo celular/Whatsapp (11) 96028-7769. Você também pode contatar a Secretaria Jurídica e de Assistência do Sindicato, pelo telefone (11) 3217-6299 (atendimento das 9h às 17h30) ou pelo e-mail [juridico@sjsp.org.br](mailto:juridico@sjsp.org.br).

**Marcelo B:** Sou sindicalizado há quase um ano e não recebi minha carteirinha ainda...

**SJSP:** A Carteira Sindical

foi alterada nesse período e o novo modelo acabou de ser lançado. Acesse o seguinte link para atualização de cadastro, envie uma foto digitalizada e você receberá gratuitamente o novo modelo do documento: <http://bit.ly/2saRX70>

## Despedida emocionada

Pelas redes sociais, o SJSP recebeu dezenas de mensagens de pesar pela morte do jornalista, escritor, poeta e ex-deputado Audálio Dantas, que morreu no último dia 30 de maio. Ele presidiu o Sindicato dos Jornalistas em plena ditadura, de 1975 a 1978, e esta

edição traz um encarte especial em sua homenagem (leia mais das págs. 5 a 12). Reproduzimos aqui alguns dos comentários:

*“Em outubro de 1975, possuía 18 anos e com as manifestações do Audálio ‘acordei’ para a realidade dos meus pais naquele momento”* - Jessé Soares Cardoso

*“Assim será o destino de todos nós. Poucos terão um legado tão nobre.”* - Maria Da Graça Maciel

*“Vá na paz de Deus e na certeza de ter feito o melhor que pôde. E foi muito o que fez”* - Marta Regina Calegari

# UNIDADE

Órgão Oficial do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo

### Diretoria Executiva

#### Presidente

Paulo Leite Moraes Zocchi

#### Secretário Geral

André Luiz Cardoso Freire

#### Secretária de Finanças

Cândida Maria Rodrigues Vieira

#### Secretário do Interior e Litoral

José Eduardo de Souza

#### Secretária de Cultura e Comunicação

Lílian Mary Parise

#### Secretária de Relações Sindicais e Sociais

Clélia Cardim (Telé)

#### Secretária de Sindicalização

Ana Flávia Marques da Silva

#### Secretário Jurídico e de Assistência

Vitor Ribeiro

#### Secretária de Ação e Formação Sindical

Evany Conceição Francheschi Sessa

#### Conselho de Diretores

Alan Felisberto Rodrigues, Vladimir Francisco de Miranda Filho, Thiago Cianga Tanji, Ricardo Vital, José Augusto Camargo, Ana Maria Minadeo de Moura, Michele Barros, Priscila Chandretti Vicente Vaz e Edvaldo Antonio de Almeida

le Barros, Priscila Chandretti Vicente Vaz e Edvaldo Antonio de Almeida

### Diretores Regionais

#### ABCD

Peter Suzano Silva

#### Bauru

Sérgio Luis Pais de Oliveira

#### Campinas

Agildo Nogueira Júnior

#### Piracicaba

Martim Vieira Ferreira

#### Ribeirão Preto

José Francisco Pimenta

#### Santos

Glauco Ramos Braga (licenciado)

#### São José do Rio Preto

Sérgio Sampaio

#### Sorocaba

Fabiana Caraméz

#### Vale do Paraíba, Litoral Norte e Mantiqueira

Fernanda Soares Andrade

#### Oeste Paulista

Tânia Brandão

#### Conselho Fiscal

#### Titulares

Rose Nogueira, James Membros Rúbio e Flávio Carrança

#### Suplentes

Raul Antonio Varassin e Sylvio Micelli

### Comissão de Registro e Fiscalização (Corfep)

#### Titulares

Alan Ricardo Covas, Douglas Amparo Mansur e Marlene Bergamo

#### Suplentes

Solange Aparecida Melendez e Márcia Quintanilha

### Diretores de Base

#### ABCD

Carlos Eduardo Bazilevski, Érica Aragão Peixoto, Manoel Alves dos Santos, Vilma Amaro e Roberto Parizotti

#### Bauru

Ricardo Epifânio de Santana, Luis Victorelli, Ieda Cristina Borges e Joanna Brandão P. de Andrade

#### Campinas

Fernanda de Freitas, Marcos R. Alves e Manoel de Brito F. Neto

#### Oeste Paulista

Altino Oliveira Correia, Everton dos Santos, Sérgio Borges e José dos Reais

#### Piracicaba

Adriana Ferezim dos Santos, Patricia Moraes Sant'ana Amancio, Paulo Roberto Botão, Poliana Salla Ribeiro e Vanderlei Antonio Zampaulo

### Ribeirão Preto

Aureni Menezes, Antonio Claret Gouvea, David Batista Radesca, Fábio Lopes, Nilton Pinat Júnior e Ronaldo Augusto Maguetas

#### Santos

Carlos Alberto Rattón, Diogo de Oliveira Caixote, Denise Beatriz Neves, Eraldo José dos Santos, Emerson Pereira Chaves, Reynaldo Salgado e Luigi Bongiovanni

#### São José do Rio Preto

José Luis Lançoni, Igor Sorenti e Jocelito Paganelli, Harley Pacola e Arnaldo de Freitas Vieira.

#### Sorocaba

Aparecida Vitalina Muniz, José Antonio Rosa e Riana Kelly Pires Martins

#### Vale do Paraíba

Bruna Briti Vieira Guimarães, Camões Ribeiro do Couto Filho, Nilton Cardim e Vanessa Gomes de Paula.

### Comissão de Ética

Denise Fon, Roland Marinho Sierra, Flávio Tiné, Fernando Jorge, Antonio Funari Filho, João Luis Marques, Franklin Valverde, Lúcio França, Rodrigo Sérvulo.

### EXPEDIENTE

#### Diretora responsável:

Lílian Parise (MTb 13.522/SP)

#### Editora:

Flaviana Serafim (MTb 83.170/SP)

**Colaboração (Especial Audálio Dantas):** Jorge Sá de Miranda Neto (MTb. 10.573/SP)

#### Imagem de capa:

Cadu Bazilevski

#### Diagramação:

Maria Dias

#### Conselho Editorial:

Jaqueline Lemos, Luiz Carlos Ramos, Laurindo Leal Filho (Lalo), Assis Ângelo, Renato Yakabe e Aduvias Bispo da Luz.

#### Impressão:

Bangraf - Tiragem: 4.000  
Fone (11) 2940-6400

*Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal ou do Sindicato.*

Rua Rego Freitas, 530 - Sobreloja  
CEP 01220-010 - São Paulo - SP  
Tel: (11) 3217-6299

[sjsp.org.br](http://sjsp.org.br)

[unidade@sjsp.org.br](mailto:unidade@sjsp.org.br)

[/JornalistasSP](https://www.facebook.com/JornalistasSP)

[/SindicatoJornalistasSP](https://www.facebook.com/SindicatoJornalistasSP)

# Sindicato de luta, legado de Audálio Dantas

Mais de vinte jornalistas conscientes e corajosos do jornal *Correio Popular*, de Campinas, publicado pela Rede Anhanguera de Comunicação (RAC), participam de uma histórica greve que já passa dos 140 dias no fechamento desta edição. O movimento impressiona pela firmeza e pela determinação na luta, tornando-se um exemplo para toda a categoria.

Antes de decidir pela paralisação, os jornalistas demonstraram uma paciência enorme, pois os salários vinham atrasando havia quase um ano e meio. Sempre com o acompanhamento do Sindicato, tentou-se de tudo para chegar a um acordo de normalização dos pagamentos. Cada medida acertada com a empresa, porém, via-se frustrada em seguida por seu não cumprimento.

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP) buscou, desde o começo, trazer os sindicatos das categorias afins para um movimento unitário, visto que o problema atingia igualmente gráficos e trabalhadores administrativos. Isso reforçou a resistência. Em meados de fevereiro, decidiu-se então pela greve, que contou desde o início com a adesão de pouco mais de metade da redação. Apoiando-se nos que decidiram furar a greve, a empresa manteve o jornal saindo – ainda que com a qualidade bem prejudicada – e apostou na falta de fôlego

do movimento. Pois quebrou a cara!

O SJSP organizou coletivamente um fundo de greve, e várias atividades foram realizadas pelos jornalistas para sustentar e divulgar sua paralisação. E a Justiça deu razão integral aos trabalhadores: o TRT julgou a greve legítima, determinando o pagamento dos dias parados e uma multa diária, a ser paga pela empresa, de R\$ 500 por trabalhador, caso não pague os atrasados em cinco dias. A sentença está suspensa até a apreciação de embargos judiciais impetrados pela RAC. Ainda assim, a empresa insiste em buscar meios de burlar as determinações legais como, por exemplo, chamar gente ilegalmente para cobrir o trabalho dos grevistas.

## Momento é de resistência

O movimento dos trabalhadores da RAC é uma importante expressão de um novo momento vivido por nossa categoria. À precarização e ao desrespeito que já marcavam as relações de trabalho, somou-se a avalanche destruidora da “reforma” trabalhista. As empresas sentem-se em condições de ampliar o desrespeito aos jornalistas. Sabe-se que é obrigação de qualquer empresa pagar os salários em dia, mas, em caso de dificuldade – e se não houver reação coletiva –, alguns empresários consideram mais barato atrasar o que devem aos trabalhadores do que pa-

gar empréstimos bancários para manter os pagamentos em dia.

Outros exemplos da maior pressão sobre a categoria são a ampliação da carga de trabalho sem contrapartida, a redução de escalas, a falta de correção dos salários, a imposição de jornadas extensas com acordos individuais, que atingem diversas empresas. Com tudo isso, nos últimos tempos, greves aconteceram em várias redações paulistas – como o *Diário de S. Paulo*, o R7, a RTV Cultura e a EBC. O exemplo da RAC é o mais extremo.

Com o aumento da precarização e o desmonte causado pela “reforma”, há um agravamento dos conflitos trabalhistas. Tudo isso chama a atenção para a importância do Sindicato como instrumento de defesa coletiva das condições de trabalho e de luta para a garantia de direitos.

Não é uma coincidência que a “reforma” trabalhista, ao mesmo tempo em que retira direitos, ataca de frente a sustentação das entidades sindicais. Tenta-se desarmar e fragilizar os assalariados diante da piora das condições de trabalho.

Há anos nosso Sindicato tem como prioridade avançar no rumo da autossustentação financeira por seus filiados. Mas continuava dependente das contribuições compulsórias dos não-sindicalizados, como o imposto sindical e a contribuição assistencial, he-

ranças do passado. Um ponto fraco, que a “reforma” atingiu em cheio.

## Decisão é coletiva

Agora, nossa categoria encontra-se frente a uma decisão coletiva: se quisermos continuar a construir um Sindicato atuante, forte, combativo e estruturado para enfrentar os enormes desafios colocados para a defesa dos jornalistas e do jornalismo – em um ambiente de mudança tecnológica e redução da proteção legal – é preciso que nos apropriemos amplamente do Sindicato, garantindo sua sustentação material e política, ampliando maciçamente a sindicalização. Esse convencimento tem de ser feito por todos nós, sindicalizados e sindicalizadas, em relação a cada colega, pois os benefícios serão sentidos por todos.

Trata-se de manter o legado do grande Audálio Dantas, cuja perda recente lamentamos profundamente, e cujo extraordinário exemplo nos impulsiona. Maior nome da história deste Sindicato, presente por décadas em nosso cotidiano, tornou-se um dos mais importantes homens públicos do Brasil, destacando-se como jornalista e escritor, sempre ligado à defesa dos direitos humanos. A ele, nossa homenagem eterna. A ele, nossa homenagem. A nós, uma lição de vida e um exemplo a ser seguido.

**Direção do SJSP**

# Começa a Campanha Salarial de Jornais e Revistas 2018-2019

*Jornalistas em luta para preservar a Convenção Coletiva e as condições de trabalho*

Na capital paulista, as negociações da Campanha Salarial começaram em 23 de junho e foram realizadas cinco rodadas no período. A vigência da atual Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) está garantida até 31 de julho.

Na pauta de reivindicações estão reajuste salarial de 1,76% para repor a inflação acumulada dos últimos doze meses até a data base, neste 1º de junho, além da manutenção de direitos existentes na atual CCT e a inclusão de cláusulas para garantir condições de trabalho diante da “reforma” da CLT.

No início das negociações, a bancada dos jornalistas também reivindicou 3% de aumento real por produtividade devido

à sobrecarga de trabalho com o enxugamento das redações. Para avançar no fechamento de um acordo, o SJSP entregou uma contraproposta as empresas no último dia 26 de junho reduzindo a demanda para 1% de aumento real.

A multa diária de 1/30 do salário nominal em caso de atraso de pagamento, o adicional de 40% por acúmulo de função, o auxílio funeral, a indenização por motivo de aposentadoria ou invalidez, bem como a estabilidade pré-aposentadoria estão entre as cláusulas que os jornalistas lutam para manter na CCT e que integram a contraproposta entregue pelo SJSP. Outra cláusula visa garantir que, em caso de terceirização, os jor-

nalistas alocados pela empresa terceirizada tenham os mesmos direitos da Convenção Coletiva que os contratados diretamente, incluindo a representação sindical pelo SJSP.

As empresas prometeram dar resposta ao SJSP na sexta rodada, que ocorre em 12 de julho. Acompanhe as informações atualizadas no [www.sjsp.org.br](http://www.sjsp.org.br)

**Interior e litoral** - A pauta foi entregue aos patrões em abril, mas a primeira rodada foi em 28 de junho porque os representantes do patronal adiaram a negociação, agendada para 30 de maio, alegando dificuldades para chegar à capital paulista devido à greve dos caminhoneiros.

A reivindicação é de 1,76%

retroativo à data base, em 1º de junho, para reposição da inflação sobre os salários e benefícios, e mais 3% de aumento real, com manutenção da atual Convenção Coletiva e novas cláusulas que preservem as condições de trabalho contra a “reforma” da CLT. Porém, os empresários propuseram reajuste zero, querem o fim do adiantamento salarial de 40% no 20º dia de trabalho, além do fim da Participação nos Lucros e Resultados (PLR), hoje R\$ 955, e a proposta foi prontamente recusada pelo SJSP.

Na primeira rodada, foi garantida a vigência da atual CCT pelos próximos quatro meses e a segunda negociação ocorre em 11 de julho.

## Rádio e TV: Jornalistas e radialistas contra a intransigência dos patrões

*Após 11 rodadas sem avanços, fechamento de acordo está nas mãos das empresas*

Os jornalistas e radialistas decidiram se unir na luta contra a intransigência do Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão no Estado de São Paulo (Sertesp) nas campanhas salariais das categorias.

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP) e o Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Radiodifusão e Televisão no Estado de São Paulo (Radialistas-SP) realizaram assembleias conjuntas de 19 a 26 de maio para avaliar e debater os rumos das campanhas das categorias, e deliberaram uma série de ações unificadas para pressionar o patronal a avançar nas negociações.

Entre os principais direitos que os patrões tentam impor a retirada para os dois segmentos estão o quinquênio, a estabilidade aos que estão perto de se aposentar, a estabilidade das mulheres após a licença-maternidade, além da implantação de banco de horas com compensação em até seis meses.

As empresas ainda querem passar a ter o direito de decidir sozinhas sobre as férias. Por isso, para avançar rumo ao fechamento de um acordo, agora cabe ao Sertesp apresentar uma contraproposta melhor, garantindo condições de trabalho.

No último dia 7 de junho, as categorias foram trabalhar vestindo preto num protesto nacional contra mudanças que desregulam a profissão dos radialistas. Em São Paulo, a mobilização dos jornalistas e radialistas foi em frente à Rede Globo, na zona sul da capital paulista, e as categorias também panfletagem em emissoras do interior e litoral.

No caso dos jornalistas, no último dia 14 de maio a Campanha Salarial 2017-2018 chegou à 11ª rodada sem avanços porque o Sertesp insiste numa pauta já rejeitada por 78% dos profissionais que votaram em plebiscito realizado entre 19 de abril e 2 de maio. A proposta patronal não apresenta contrapartidas à perda de direitos e impede uma negociação efetiva, pois os empresários seguem inflexíveis desde o início da campanha, em dezembro passado.

Até o fechamento desta edição, o único acordo é quanto ao reajuste de salários e benefícios, que será de 2,5% retroativos a data base, em 1º de dezembro. Vale lembrar que as cláusulas da CCT perderam a validade em 20 de janeiro porque o Sertesp se recusou a ampliar a vigência da Convenção Coletiva enquanto as negociações continuam.

premio.vladimirherzog.org

40º

PRÊMIO JORNALÍSTICO  
VLADIMIR HERZOG  
de Anistia e Direitos Humanos

Inscrições | 27/6 a 25/7/2018  
Voto popular | 1º a 18/8  
Sessão pública de julgamento | 11/9, quinta, 18h  
Roda de conversa com os ganhadores | 25/9, quinta, 18h  
Premiação | 25/9, quinta, 20h, Tucuruá (SP)



# UNIDADE

## *Especial*

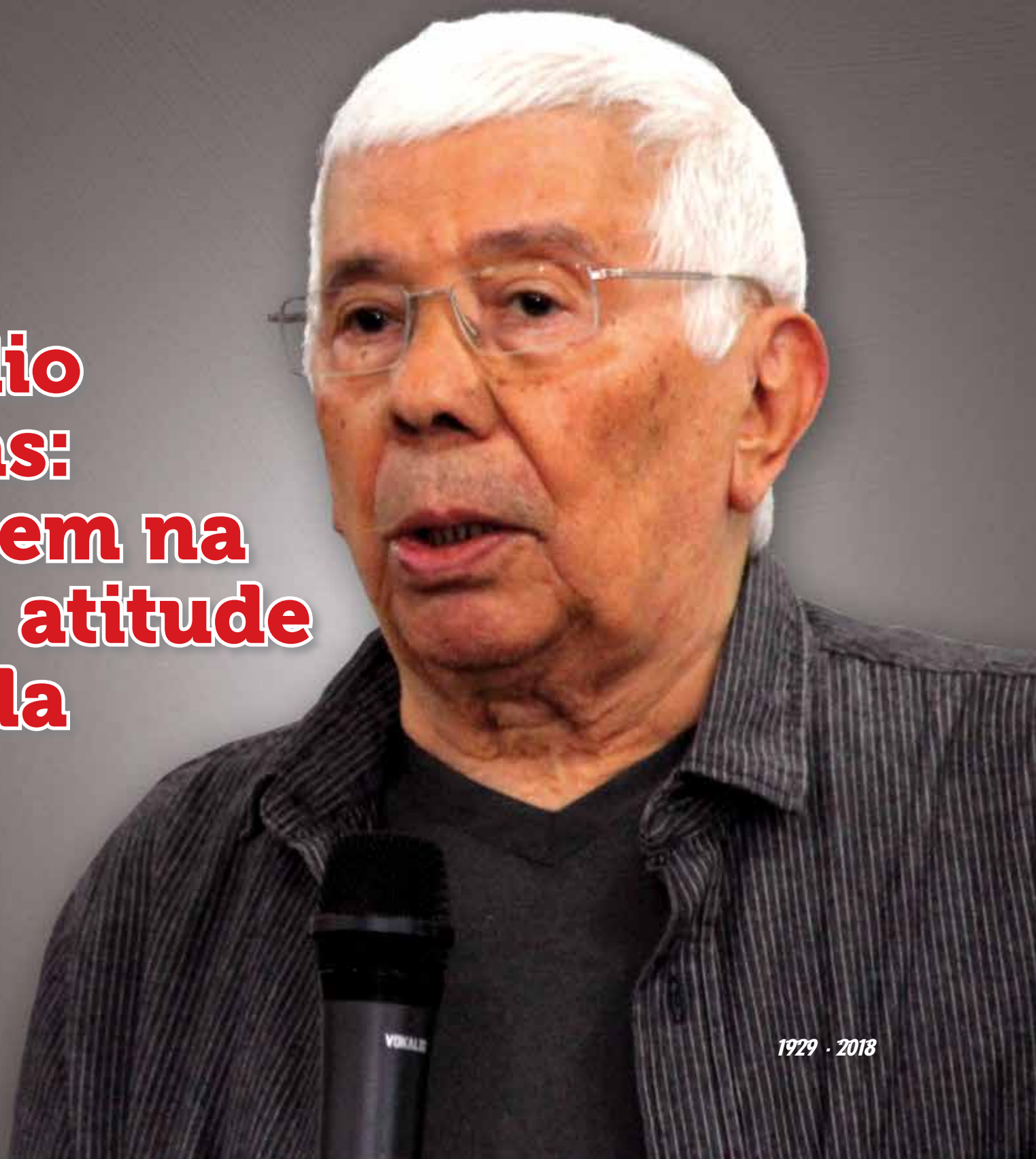
Sindicato dos  
**JORNALISTAS**  
PROFISSIONAIS NO  
ESTADO DE SÃO PAULO

**CUT** BRASIL  
CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES

**FENAJ**  
FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS

## **Audálio Dantas: coragem na luta e atitude na vida**

Edição: Flávia Serafim e Jorge Sá de Miranda Neto



1929 · 2018

## Ao mestre Audálio Dantas

Por Paulo Zocchi

Audálio Dantas pode ser considerado, com justiça, o principal nome da história do Sindicato dos Jornalistas. Sob sua liderança, o Sindicato tornou-se uma referência e ocupou papel de destaque na luta democrática em nosso país.

Grande jornalista e escritor premiado, com mais de 60 anos de trajetória profissional, tornou-se um mestre que não perdeu jamais o jeito simples e camarada em meio a seus colegas de redação. Nesta entidade, as décadas de atividade sindical encerram-se apenas com sua morte. Sempre pudemos encontrar em Audálio Dantas uma pessoa acolhedora, generosa e amiga.

A grande marca de sua presença foi a coerência férrea na defesa de valores democráticos, humanos e sociais. Audálio Dantas foi o homem que liderou o Sindicato dos Jornalistas quando, diante da morte de Vladimir Herzog, tornou-se necessário enfrentar a farsa montada pela ditadura militar, cujas engrenagens haviam sido responsáveis pela tortura e o assassinato do jornalista da TV Cultura, em 1975.

Cumpriu um papel histórico, no ato ecumênico na catedral da Sé, ao lado de D. Paulo Evaristo Arns, do rabino Henry Sobel e do pastor James Wright. Pudemos encontrá-lo, mais de 40 anos depois, indo à Brasília em março de 2016 para entregar à então presidenta Dilma Rousseff as mais de 2.000 assinaturas de jornalistas coletadas no manifesto contra o golpe. Em 2018, pronunciou-se a favor do direito de Lula ser candidato às eleições em outubro. Sem partidarismos, seu partido foi sempre o da democracia e o dos direitos da maioria trabalhadora do povo.

Nestas próximas páginas, o **Unidade** presta uma homenagem Audálio Dantas, o próprio criador deste jornal, em 1975, logo depois de liderar a chapa que recuperou a entidade para os jornalistas. Boa leitura!

**Paulo Zocchi é presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo**

## Uma vida de luta que entra para a história

*Audálio agora é eterno e segue compartilhando a luz de seu legado*

Cadu Bazilevski/SJSP



**Mais de 700 pessoas estiveram na despedida, na sede do Sindicato**

Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP) de 1975 a 1978 e de 1982 a 1983, Audálio Dantas morreu aos 88 anos no último dia 30 de maio, vítima de um câncer contra o qual lutava desde 2015. A cerimônia de cremação ocorreu na manhã do dia 1º de junho, no

Cemitério Vila Alpina, na zona leste da capital paulista.

Nascido em Tanque D'Arca, pequeno município de Alagoas, em 8 de julho de 1929, o jornalista deixa a mulher Vanira Kunc e as filhas Juliana e Mariana, além dos filhos José e Ana, dos dois primeiros casamentos, netos

e bisnetos, uma infinidade de amigos e amigas, de companheiros de luta, de admiradores de diferentes gerações, sejam mais velhos ou jovens que têm em Audálio uma inspiração dentro e fora do jornalismo.

No velório na sede do Sindicato, mais de 700 pessoas participaram da despedida no Auditório Vladimir Herzog, mesmo espaço em que há 43 anos, em maio de 1975, Audálio assumiu a direção do SJSP, retomando a entidade para as mãos da categoria em plena ditadura, depois de uma década em que a direção só debatia questões trabalhistas, sem discutir a censura enfrentada.

Em outubro de 1975, neste mesmo auditório, Audálio fez história e entrou para história ao organizar os jornalistas e denunciar o assassinato de Vlado, morto sob tortura em 25 de outubro do mesmo ano, no Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (Doi-Codi), no II Exército. Ele enfrentou o regime ditatorial para reforçar a denúncia do assassinato de Herzog, forjado pelos agentes do regime militar como "suicídio".

## Coragem de Audálio fez avançar combate à ditadura

Agência Estado/Acervo SJSP



**Organização do culto ecumênico em memória de Vladimir Herzog**

Audálio Dantas nunca acreditou na versão oficial e o "enforcamento" acabou desmascarado com a denúncia do rabino Henri Sobel, logo depois da preparação do corpo de Herzog para sepultamento de acordo com os rituais judaicos. Dos muitos gestos de coragem e das lutas travadas pelo jornalista, uma das mais representativas e simbólicas foi outro enfrentamento à ditadura - o culto ecumênico em memória de Vlado, realizado em 31 de outubro de 1975, foi organizado três dias antes na sede do Sindicato.

A mobilização lotou a Catedral da Sé, no centro da capital paulista, num movimento que foi um marco porque deu início à reação da sociedade às atrocidades do regime repressivo.

Outro marco é o documento "Em nome da verdade", divulgado em 6 de janeiro de 1976, no qual o Sindicato questiona oficialmente o suicídio de Vlado forjado pelos agentes do Doi-Codi e cobra a "total elucidação dos fatos". Entregue à Auditoria Militar, o documento tinha inicialmente a assinatura de 467 jornalistas, chegou a

1004 signatários até o fechamento da então edição nº 6 do **Unidade**, e o ofício ganhou repercussão internacional.

Na mesma edição do jornal, o SJSP divulgou um depoimento extra-oficial que o jornalista Rodolfo Konder (1938-2014) havia prestado em novembro daquele ano. Konder foi preso no II Exército em 24 de outubro de 1975, um dia antes de Vlado, e testemunhou os gritos de Herzog sob tortura no Doi-Codi.

Antes mesmo do caso emblemático de Herzog, Dantas e a direção do Sindicato já haviam se posicionado denunciando a repressão do regime civil-militar desde o desaparecimento do primeiro jornalista, Sérgio Gomes, atual diretor da Oboré Projetos Especiais. As ações dos militares contra a categoria se aprofundaram a partir do final de julho de 1975, sob a justificativa de que havia uma "imprensa infiltrada pelos comunistas".

Entre a posse da nova diretoria e o assassinato de Herzog, foram 12 jornalistas vítimas de prisões, torturas e desaparecimentos, e, graças à coragem de Audálio, o Sindicato divulgou notas denunciando todos os casos aos meios de comunicação.

# Resistência: o embate segue

Flaviana Serafim/SJSP



Missa de sétimo dia na Catedral da Sé

Recordando a mobilização que em 1975 levou mais de 8 mil pessoas a protestar contra o assassinato de Vladimir Herzog pela ditadura, Juliana Kunc Dantas, filha de Audálio Dantas, prestou homenagem ao pai no altar da Catedral da Sé no último dia 5 de junho, durante a missa de sétimo dia em memória do jornalista.

A cerimônia foi celebrada pelo arcebispo de São Paulo, Dom Odílio Scherer, e con-celebrada pelo padre Júlio Lancellotti, coordenador da

Pastoral do Povo de Rua e que conduziu um dos atos religiosos durante o velório de Dantas, na sede do SJSP.

Apesar da tristeza e do luto em meio à manhã fria e chuvosa da capital paulista, o clima entre as centenas de pessoas que acompanharam a missa na Catedral era de paz e, ao mesmo tempo, de disposição para dar continuidade ao embate pela democracia e pelos direitos humanos, lutas às quais Audálio se dedicou por toda a vida como guerreiro sempre aguerrido.

## Cinzas lançadas no rio São Miguel

As cinzas de Audálio Dantas foram levadas a Alagoas por sua esposa Vanira Kunc e pelas as filhas Juliana e Mariana, e em Tanque d'Arca foram lançadas, no último dia 22 de junho, na nascente do rio São Miguel, no vale do Bananal, em cerimônia fechada com a presença de familiares e amigos.

Na Câmara Municipal, foi entregue o Título de Cidadão

Honorário de Tanque d'Arca à família de Audálio. Vanira afirmou: "Tinha duas coisas muito importantes que Audálio, quando hospitalizado, tinha muita vontade de fazer: viagem à Espanha, que ganhara do Hospital Premier, e receber esse título aqui em Tanque d'Arca. Ele não achava provável ir à Espanha, tinha tanta certeza que viria recebê-lo aqui. Infelizmente não conseguiu."

A jornalista Juliana Dantas, sua filha, disse: "Meu pai com certeza ficaria muito feliz. Ele lutou muito para estar aqui em vida, neste chão que sempre esteve presente em suas pautas, que norteou a sua vida no jornalismo e luta pelos direitos humanos. Ele saiu daqui, mas aqui nunca saiu dele. Sempre fez questão de voltar, especialmente quando os filhos nasciam.

Conhecemos Tanque d'Arca desde pequenos. É uma terra que fez toda diferença."

Em Tanque d'Arca, no Espaço Literário Audálio Dantas, sua memória foi reverenciada por diversas pessoas. Em Maceió, o governador de Alagoas, José Renan Vasconcelos Calheiros Filho (MDB), informou à Vanira e às filhas que instituirá o prêmio Audálio Dantas de Jornalismo.

Bira Dantas

## Trajetória de cidadania

Audálio se sindicalizou em 21 de fevereiro de 1962 e ocupou outros espaços da entidade antes de se tornar presidente, sempre defendendo que o Sindicato deveria ser instrumento de combate à censura e à violência do regime civil-militar.

Em 1967, fez parte de uma Comissão de Liberdade de Imprensa pela oposição sindical. A Lei de Imprensa foi instituída no mesmo ano pelo governo autoritário do mare-

chal Castelo Branco, mas Audálio havia mobilizado cerca de dois mil profissionais contra a legislação e assustou os patrões.

Em sua ampla atuação na presidência do SJSP, foi Dantas quem reivindicou a reposição salarial para cerca de 10 mil jornalistas de São Paulo, prejudicados pelos dados manipulados da inflação divulgada pelos militares na década de 1970, o que abriu caminho para o mesmo embate por outras categorias, como

o movimento operário do ABC. (leia mais na pág. 8)

Depois de sair da direção do SJSP, Audálio foi eleito deputado federal pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) em 1979, cumpriu mandato até 1983 e esteve entre os parlamentares mais influentes do país na época. Também foi presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) de 1983 a 1986, o primeiro eleito por voto direto na história da entidade.



# Audálio vive e está presente em seu amplo legado

*Autodidata, dedicou mais de 60 anos de vida ao jornalismo*

Nascido em 8 de julho de 1929, Audálio Dantas era alagoano do agreste, da pequena Tanque D'Arca (hoje com cerca de 6 mil habitantes), e chegou com a família migrante em São Paulo aos cinco anos de idade, em 1934. Os pais, Otávio Martins Dantas e Rosalva Ferreira Dantas, se separaram dois anos depois e ele retornou ao nordeste. Voltou para a capital paulista aos 12 anos, no início da década de 1940, numa viagem por barco e trem pelo nordeste que guardava na memória, e que afirmava ter despertado seu interesse pela reportagem.

Em 1946, aos 17 anos, conseguiu seu primeiro emprego em um laboratório fotográfico e, em 1954, começou a trabalhar na *Folha da Manhã* revelando as fotos do italiano Luigi Mamprin. Passou à reportagem em pouco tempo e a partir de então se consolidou como repórter - sempre nas ruas, onde preferia estar



Aniversário de 88 anos de Audálio Dantas, em julho de 2017

em vez de fazer coberturas na redação.

Autodidata em uma época em que não havia cursos de jornalismo no Brasil, foi repórter inquieto, sensível e desbravador, escritor premiado várias vezes, cidadão corajoso e coerente, deputado

influente e combativo, militante engajado dos direitos humanos.

Dedicou mais de seis décadas de vida ao jornalismo, onde se destacou em grandes reportagens atuando nos principais veículos do país, como as revistas *O Cruzeiro*, *Quatro Rodas*,

*Realidade*, *Veja* e *Manchete*.

Para além das redações, entre as várias instituições às quais se dedicou, Audálio foi presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) em 1983, e do Conselho da Fundação Cásper Líbero, em 1986, além de vice-presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), em 2005. Foi também deputado federal por São Paulo de 1983 a 1986, pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB), eleito com 58.602 votos, e no mesmo período presidiu a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (Imesp).

Foi presidente da Comissão da Memória e Verdade dos Jornalistas Brasileiros e integrou a Comissão da Memória e Verdade da Prefeitura do Município de São Paulo até dezembro de 2016. Antes de seu falecimento, Dantas ainda era membro da Comissão de Ética da Fenaj, conselheiro do Instituto Vladimir Herzog e da União Brasileira de Escritores.

## Jornalista engajado e sensível às causas sociais

Acervo/SJSP



Audálio Dantas na posse do Sindicato, em maio de 1975

Audálio Dantas sempre foi um profissional com olhar generoso às causas sociais e, entre as inúmeras premiações que recebeu por sua dedicação profissional, foi premiado em 1981 pela Organização das Nações Unidas por sua

luta aguerrida pelos direitos humanos. Graças à sensibilidade do repórter, o mundo descobriu, na década de 1960, o livro "Quarto de despejo", da escritora negra Carolina Maria de Jesus, moradora da favela paulistana do Canindé e catadora de lixo que teve sua obra traduzida para mais de dez idiomas. A descoberta veio depois da reportagem "O drama da favela escrito por uma favelada", originalmente publicada

na *Folha da Noite* em 9 de maio de 1958 (leia a íntegra da reportagem reproduzida na página 12). Em sua atuação no movimento sindical, Audálio teve papel essencial também no histórico movimento operário do ABC. Em julho de

1977, economistas ouvidos numa reportagem da *Gazeta Mercantil* confirmam que, em 1973, Delfim Netto, então ministro da Fazenda do regime militar, havia manipulado os dados oficiais da inflação que eram base para os reajustes salariais. O governo militar divulgou à época que o custo de vida era de 14%, mas, na verdade, o custo real era de 24% em média.

Sob a liderança de Audálio, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP) foi apurar as informações com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). Na ocasião, o SJSP foi o primeiro Sindicato brasileiro a reivindicar a reposição das perdas reais que atingiam cerca de 10 mil jornalistas no estado de São Paulo, e a iniciativa abriu espaço para o mesmo embate por outras categorias.

Quando as greves dos meta-

lúrgicos do ABC começaram, no final da década de 1970, Audálio era deputado federal e, entre outras ações, dedicou-se a contestar a repressão da Polícia Militar na porta das fábricas.

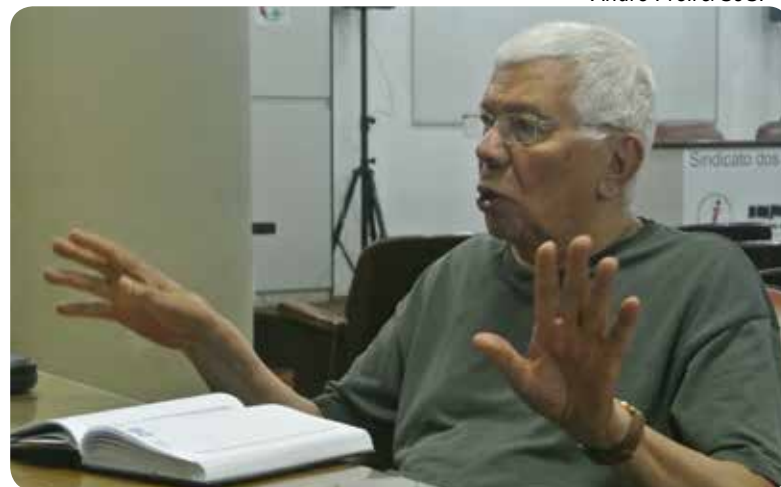
Também escritor premiado, Audálio é autor de mais de dez livros, entre os quais *As duas guerras de Vlado Herzog* (Grupo Record/Civilização Brasileira, 2012), que recebeu em 2013 o Prêmio Jabuti, na Categoria Livro-Reportagem. Em 2012, lançou *Tempo de reportagem* (Leya). Em sua lista de obras estão também *O circo do desespero* (Símbolo, 1976); *O Chão de Graciliano* (Tempo d'Imagem, 2007), que ganhou o Prêmio APCA 2007) e *O menino Lula* (Ediouro, 2009). Entre seus livros destacam-se ainda os infanto-juvenis, como *A infância de Graciliano Ramos* (Callis, 2011), premiado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.



André Freire/SJSP

# “Eu escolhi e acho que também fui escolhido pelo jornalismo”

Algumas frases que marcam mais de 60 anos de vida profissional



## Profissão: jornalista

“Eu escolhi e em determinados momentos se inverteu, acho que também fui escolhido. Mas era uma aspiração que tem tudo a ver com a minha preocupação com os problemas sociais desde menino.”

## Sindicalização

“Os jornalistas não percebem que a defesa do seus interesses passa por uma coisa que é civilizatória, que é a organização sindical, aquilo que permite uma discussão entre trabalho e capital. Não sendo assim, prevalece a ditadura. Ser sindicalizado, ir ao sindicato significa trabalhar junto com o sindicato, combater os pelegos porque, se eu estou lá, luto por representantes que não sejam pelegos. Só isso já bastaria para dizer que ser sindicalizado é um ato de inteligência.”

## Novo jornalismo

“Houve uma onda, e até hoje nas faculdades de jornalismo se fala que o ‘novo jornalismo’ teria sido a grande influência dessa imprensa de textos como Realidade. Eu contesto isso. Primeiro, acho que é uma visão colonizada. Só porque nos Estados Unidos, nos anos 1960, surgiu um movimento muito forte, que tinha o Truman Capote, o Norman Mailer, Gay Talese, e vários outros, que usavam técnicas literárias no jornalismo, ou usavam técnicas jornalísticas no romance. Isso foi muito importante, mas não foi lá que surgiu. Antes, em vários pontos, e inclusive aqui, com o velho Joel Silveira (1918-2007), em 1945. Então esse negócio de ‘novo jornalismo’ é maquaqueação, não existe.”

## Lula condenado

“É uma miséria anunciada. Desde o início do processo do golpe o que se visava era essa condenação, numa clara providência dos golpistas para evitar a participação do Lula na sucessão presidencial porque a projeção das pesquisas dá a vitória a ele. O fato de ser sem provas não é surpresa depois dos vários outros casos em que pessoas foram condenadas também sem provas. Numa palavra, é mais um golpe que foi dado.”

## Companheir@s prestam homenagem

Jornalistas de todos os segmentos compartilharam suas declarações em homenagem a Audálio Dantas. Aqui publicamos a versão editada e os textos completos estão no [www.sjsp.org.br](http://www.sjsp.org.br)

### Palavras para dizer

“Para quem cresceu e sonhou ser gente grande no jornalismo assistindo às façanhas do Audálio na *Folha da Manhã*, na popularíssima *O Cruzeiro* e na mitológica *Realidade*, era como ver uma estátua viva, vivíssima, andando pelas ruas. É esta a envergadura do homem miúdo apenas na aparência, retirante nordestino que chegou a São Paulo sozinho, aos 12 anos de idade, para, como ensinou o mestre Graciliano Ramos, usar a palavra para dizer. Apenas dizer.” - **Eliane Brum**.

### Exemplo de coragem

“Audálio é uma figura singular porque era doce e corajoso ao mesmo tempo, um cara que peitou a ditadura. No dia em que alguém for escrever a história da ditadura militar no Brasil, o nome do Audálio vai ter que estar lá em letra maiúscula porque foi no Auditório Vladimir Herzog que a ditadura começou a acabar por iniciativa dele. Audálio morreu no auge da luta e foi comprometido com o ‘fora Temer’ em tudo. A lição que ele deixa é de coragem. É um exemplo para nossa categoria e para a sociedade, de alguém que dedicou a profissão ao bem desde o começo.” - **Fernando Moraes**

### Comandante

“Audálio Dantas está na História do Brasil como comandante de uma categoria profissional, nós, jornalistas, num dos momentos mais dramáticos da vida nacional, quando Vladimir Herzog foi torturado e morto nos porões ditadura. Seu exemplo de coragem, firmeza e bom senso perdurará para sempre.” - **Juca Kfour**

### Lucidez

“Às vezes não basta a pessoa ser corajosa, tem que ter lucidez para enveredar por um caminho e liderar as pessoas numa direção interessante, que diga respeito ao que todo mundo está buscando.” - **Laerte Coutinho**

### Aglutinador

“O legado de Audálio Dantas é ter sido um aglutinador de diversas forças, no Sindicato dos Jornalistas e nos movimentos sociais de uma forma geral. Nunca discutimos política muito detidamente, nosso trabalho sempre foi uma frente de jornalistas não só pela liberdade de expressão, mas pela liberdade do país. Além disso, um nordestino como eu - o que conta pontos! - e um escritor de muitos talentos.” - **Raimundo Pereira**

### Sertanejo de fé e de coragem

“Falar de Audálio Dantas é falar da própria história do Sindicato dos Jornalistas. Nós tivemos um Sindicato antes e outro depois do Audálio. Participamos juntos da Movimento de Fortalecimento do Sindicato (MFS), que elegeu Audálio presidente e uma diretoria realmente representativa das redações, disposta a lutar pela categoria e contra o peleguismo que reinava nos sindicatos na época da ditadura. O assassinato de Vlado Herzog, em que o bravo presidente do Sindicato tomou a frente da resistência ao arbítrio, que estava prendendo, torturando e matando nossos colegas, foi um divisor de águas na vida sindical e na vida do país. Que venham novos Audálio, estamos precisando. Valeu, mano velho” - **Ricardo Kotscho**

### Inspiração

“Nunca vi o Audálio tão vivo quanto no seu próprio velório porque ele conseguiu atrair o que tem de mais qualificado e representativo que existe no mundo do jornalismo, da política e da cultura. Foram mais de 700 pessoas que viram o Audálio ‘vestindo’ a camiseta dizendo da necessidade da esperança, da coragem e da dignidade. Essas pessoas se inspiravam e inspiraram novamente nessas qualidades que o Audálio tinha.” - **Sergio Gomes**

# Audálio Dantas era repórter aliado dos fracos

*Jornalista denunciou assassinato de Herzog e também foi deputado*

*Por José Hamilton Ribeiro*

**“O mulato caiu pela primeira vez.”** - A reportagem de Audálio Dantas contava o desafio de um concurso de resistência que dava prêmio em dinheiro a quem se mantivesse em pé, pulando e dançando, enquanto seus competidores desabavam de sede, fome, exaustão.

Após dezenas de horas de atividade física sem parar, estugado de perto por um “leão de chácara” (com os cumprimentos de nossos patrocinadores), a pessoa podia cair uma, duas vezes. Na terceira, era eliminada.

Audálio começou sua vida de jornalista na Folha, em 1954, primeiro como revelador de filmes fotográficos, depois como fotógrafo, enfim como repórter.

Agora estava em *O Cruzeiro*, a primeira grande revista nacional do Brasil até a metade de 1960. Depois viria Realidade, seguida por Veja.

Com a decadência de *O Cruzeiro*, Audálio foi chamado para Realidade e outras revistas da Editora Abril.

Enquanto pôde ser apenas jornalista, foi recrutado - e bem pago - para estar nas nossas mais importantes redações. Seus textos precisos e despojados, expostos com destaque, mostraram desde o início que ali estava um jornalista em que se podia distinguir alguns aspectos do que a profissão tem de melhor: indignação contra a injustiça, distância do poder e dos poderosos, compromisso fechado com o fraco, o desvalido, a minoria.

**A ditadura** - Década de 70, o Brasil diante de um governo opressor: censura, prisões em massa, tortura. Os jornalistas em São Paulo precisavam contar com o sindicato, então nas mãos de um grupo de direita havia muitos anos.

Tinham de compor uma chapa de oposição da mais alta qualidade - humana e profissional - para estimular os colegas a votar contra a diretoria, que se alinhava com os generais. Como um rastilho de pólvora, o nome de Audálio passava de boca em boca.

“O Audálio?! Você acha que um profissional como ele, com a carreira em ascensão e filhos pra criar, vai deixar tudo isso para brigar pelos outros? Não vai mesmo...”

Audálio montou uma chapa de estrategistas e batalhadores - estes eram seus “pés de boi”, dizia -, ganhou a eleição e logo se viu diante do desafio de dizer ao mundo que Vladimir Herzog tinha sido morto numa dependência do Exército Brasileiro.

Desde o primeiro minuto - vindo da clarividência de Fernando Pacheco Jordão, um dos estrategistas da diretoria - o sindicato, em cuidadosas notas à imprensa, dizia que não, não houvera suicídio: Herzog tinha sido assassinado no DOI-Codi.

O comandante do Segundo Exército quis Audálio à sua frente, mandou buscá-lo. Diante do general, serenamente, reafirmou o conteúdo das notas. Não foi preso, mas em compensação o sobressalto entre os jornalistas aumentou. A toda hora vinha um boato de que iam invadir o sindicato.

Audálio dormia cada noite num lugar, mas passou a se sentir mais seguro com o apoio que chegava de outros sindicatos, de políticos importantes, de gente da universidade e de organizações civis e religiosas, daqui e do estrangeiro. As assembleias do sindicato tinham casa cheia, a maioria de apoiadores de origens as mais diversas.

**Que é que ele vai dizer na missa?** - Na missa ecumênica na Catedral da Sé - oficiada por dom Paulo Evaristo, o pastor evangélico Jaime Wright e o rabino Henry Sobel - estava previsto que Audálio falaria. Era visível na igreja e em seu entorno a presença de agentes que mal se preocupavam em se disfarçar.

Preocupação geral: a catedral abarrotada não poderia levar Audálio a uma empolgação que o fizesse dizer coisas que irritassem além da conta os militares? Todos viram com ansiedade quando aquele nordestino miúdo de Tanque D’Arca, no

interior de Alagoas, caminhou para o púlpito. E começou com voz forte:

“Senhor Deus dos desgraçados! Dizei-me vós, Senhor Deus, se é mentira, se é verdade tanto horror perante os céus!”

E por aí foi. Quando souberam do que se tratava - um poema de “Navio Negreiro”, de Castro Alves -, os generais não tinham o que fazer.

O cardeal dom Hélder Câmara, um dos mais perseguidos pela ditadura, veio do Recife para a missa. A igreja toda ficou na expectativa de que ele aproveitasse o cenário para imprecisar contra seus algozes. Dom Hélder ficou o tempo todo de pé, ao lado do altar, mudo e calado. Aquele silêncio ecoou por todo o Brasil.

Hoje se sabe que a reação ao assassinato de Herzog foi o primeiro movimento aberto da sociedade brasileira contra a ditadura e pela volta da democracia no Brasil. A sucessão de fatos fez de Audálio uma figura nacional. Convidado por Ulysses Guimarães, um dos inspiradores das Diretas Já, aceitou candidatar-se a deputado federal.

Foi parlamentar sério, presente, atuante, respeitado. Ao fim do mandato, não tinha se envolvido em nenhuma negociata, ao contrário: saiu de lá com dívida.

As pessoas pensavam que, por ser deputado, podia tudo, então lhe pediam coisas, propunham compromissos, e ele não sabia dizer não.

**O mulato caiu pela segunda vez** - Na reportagem sobre o concurso de resistência física no Ginásio de Esportes do Ibirapuera, em São Paulo, Audálio acompanhou os passos de um homem desesperado, um mulato, mas seguiu também o desgaste e a humilhação de outros participantes, mulatos ou não, daquele show de horrores. Cada um tinha sua história de injustiça, de exclusão, de desencanto, de miséria. No salão os dançadores caíam, um a um.

Após deixar a Câmara Federal, Audálio foi atrás de trabalho na grande imprensa, mas logo verificou que as empresas de comunicação não queriam mais abrigar aquele

que, com sindicato ou não, falava tão mal dos patrões.

Tinha filhos pra criar - agora eram quatro, um menino, três meninas -, foi trabalhar onde dava, firmas de propaganda, edição de revistas corporativas, assessorias. Sempre com ativa participação nas entidades e movimentos de defesa do trabalho e dos direitos humanos e civis.

Revela sua face de escritor com um livro sobre os bastidores da imolação de Herzog, honrado com o Prêmio Jabuti. Conta, também em livro, histórias da infância de Lula, de seu conterrâneo Graciliano Ramos, de artistas e escritores.

**O mulato cai pela terceira vez** - O personagem da matéria de Audálio sobre o concurso de resistência, após cair duas vezes e vacilar na sala a ponto de pensarem que ele estivesse querendo dormir em pé - e pulando -, levado ao esgotamento físico, dificuldades na respiração e confusão mental, desaba no chão. Vem sobre ele um “supervisor”:

“Terceira queda, desqualificado!! Pode levantar e ir embora!”

O mulato não se levantou. Alguém gritou lá atrás: “Uma ambulância. E preciso uma ambulância, depressa!”

A reportagem de *O Cruzeiro* teve grande repercussão e o nefando concurso perdeu respeito para sempre.

Audálio estava sempre alerta contra os espertinhos e espertalhões que vivem de armadilhas para enganar o povo e se aproveitar da sua fraqueza e vulnerabilidade. Talvez seja uma unanimidade entre os profissionais: ele era o símbolo do jornalista naquilo que ele tem de melhor. Um paradigma.

(Audálio vinha há tempos batalhando contra um câncer, com brio e coragem. Submetia-se com paciência ao tratamento, sempre otimista e acreditando que devia resistir porque, a qualquer momento, surgiria um remédio para curá-lo.)

**Publicado na Folha de S.Paulo em 1º de junho de 2018.**

## O jeito certo de contar uma história

Cadu Bazilevski/SJSP



“O circo do desespero”: uma das muitas reportagens históricas

No livro *Audálio Dantas Tempo de Reportagem* (Editora Leya – 2012), o jornalista relata como fez a reportagem citada por José Hamilton Ribeiro na página 10 - “O circo do desespero”, em 1963, para *O Cruzeiro*. Conta Audálio que mandou a matéria por telex para a redação, no Rio de Janeiro, a Odylo Costa, filho (1914-1979), diretor da revista, que lhe enviou um telex de volta dizendo que “tinha chorado ao ler o texto.”

“Foi o maior elogio que recebi em toda a minha história de repórter. Se Odylo, escritor e jornalista experimentado, responsável

por uma das mais importantes reformas editoriais de um jornal do país – a do *Jornal do Brasil*, no final dos anos 1950 – tinha se emocionado, imaginei o que poderiam sentir milhares de leitores da revista. Eu não pretendia, com aquele texto – nem com nenhum outro que tinha escrito até então – fazer ninguém chorar. Mas considerei que aquele era o jeito certo de contar uma história”, escreveu Audálio.

Leia a íntegra de “O circo do desespero” em versão digitalizada no site do Sindicato dos Jornalistas: [www.sjsp.org.br](http://www.sjsp.org.br)

## Resistir e lutar

Por Juliana Kunc Dantas

Meu pai foi um dos muitos e muitos nordestinos que vieram pra São Paulo por imposição da vida. Tanque d’Arca é uma cidadezinha de Alagoas que hoje tem uns 6 mil habitantes. Peço que imaginem como era em 1929.

Aqui chegado, logo adolescente, já entrou pra Folha da Manhã, primeiro mexendo com fotografia, depois alçou o primeiro voo como jornalista e não parou mais. O resto sabemos. Isso tudo de maneira autodidata. E não significa que em algum momento da vida ele tenha achado que defender a meritocracia fosse o caminho.

Uma vez, num desses debates acalorados e raiosos, disseram ao meu pai que ele só acharia que a pena de morte era solução quando de fato perdesse alguém da família pra violência. O que o interlocutor não sabia é que, nos anos 80, o pai do meu pai, meu avô Otávio, havia sido assassinado por meninos que invadiram a casa dele pra roubar, e ainda jogaram o corpo num rio. Além de tudo eram menores, né? E

meu pai sempre levantou a voz contra qualquer hipótese de redução da maioria penal.

Em 1975, na Catedral da Sé, o medo e a firmeza trouxeram milhares de pessoas para protestar contra o assassinato de Vladimir Herzog nos porões da ditadura. Sob o AI-5. Sabemos que aquele ato ecumênico foi um dos grandes passos para a reabertura democrática do país. E nem por isso Seu Audálio parou de gritar contra as mortes que insistem em acontecer clandestinamente, especialmente as de negros e pobres da periferia, no que ainda chamamos de democracia.

Eu proponho que a gente continue a resistir. O Guimarães Rosa já dizia que:

“O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”

Juliana é filha de Audálio e jornalista seguindo os passos do pai na profissão.

## Meu primo Audálio Dantas

Por Ricardo Ramos Filho

Acabo de perder Audálio Dantas. Coloco o verbo na primeira pessoa para falar de uma ocorrência que é pessoal. Muitos, referindo-se à partida do alagoano de Tanque d’Arca, lembraram fatos importantes de sua vida: Carolina Maria de Jesus, Vladimir Herzog, coragem para enfrentar a ditadura, dignidade, jornalismo como deve ser feito.

No coletivo perdemos todos um brasileiro cuja voz fará falta, principalmente em um cenário tão conturbado como é o vigente. Seu olhar arguto, capaz de sem muito esforço fazer as escolhas corretas, posicionando a atitude sempre do lado certo, deixará muita gente sem a orientação necessária.

No plano pessoal, o meu, aquele do qual

egoisticamente desejo falar, perco o amigo. Nosso contato, cada vez mais frequente, muito pela generosidade de quem se preocupava comigo e desejava incluir-me em atividades que me dessem exposição, era antes de tudo construído em bases bem-humoradas. A gente ria muito, mexia um com o outro, se tratava de maneira peculiar e particular. As coisas de Alagoas apareciam, referências familiares para nós dois, ele fazia de mim um sertanejo que apenas sou atavicamente. Era bom assumir tal identidade. Eu atendia ao telefone e ouvia:

- Coronel Ricardo!

Sabia ser ele e a esculhambação começava. Eu respondia no mesmo tom, ele sentindo sau-

dade de sua terra e eu de uma que surgia dentro de mim quando conversávamos, avivada.

Um dia ele descobriu, talvez por já sermos de fato, um parentesco distante. Nos tornamos primos. Distantes, ele explicava.

Apenas uma ressalva, meu primo querido, nós nunca fomos distantes. Você seguirá próximo de mim. E embora eu não acredite, Deus nunca coube em meu coração, um dia, rezo por isso, nos reencontraremos para comer um sururu, receita sua, delícia das delícias. Até lá a gente segue por aqui, firmes, tentando honrar a sua memória.

Ricardo é neto de Graciliano Ramos, escritor preferido de Audálio Dantas.

# O drama da favela escrito por uma favelada



Carolina Maria de Jesus mora no barraco número 9 de uma “rua” sem nome, na favela do Canindé. Para comer e dar de comer aos seus três filhos, apanha papel no lixo e vende num depósito da cidade. Sua vida não é melhor nem pior do que a dos demais favelados. Levanta-se muito cedo, vai para a fila da água e volta com uma lata na cabeça, como o fazem milhares de Marias em todas as favelas deste país: se tem pão, come e dá aos filhos; se não tem, eles choram e ela chora também. O pranto é breve, porque ela sabe que ninguém ouve, não adianta nada.

Então, toma de um velho saco e sai para a cidade a catar papel velho. Quando regressa ao barraco, traz alguma coisa de comer para as crianças que esperam. As crianças comem e riem. Ela também ri. Amanhã, depois de amanhã e em todos os dias que virão, a vida será a mesma constante miséria. Mas o momento é de estômago cheio. Carolina Maria de Jesus não sabe se conseguirá pão amanhã. Não se desespera, como muitos de seus irmãos de infortúnio. Amanhã, se o dia amanhecer pleno de sol, ela será feliz mesmo que não haja pão em casa. Ela sabe “ver” além da lama do terreiro, da nudez das crianças, da sordidez da vida. Só por isso ela é diferente dos outros favelados: vive integralmente a miséria da favela, mas tem

o seu “mundo interior”, às vezes feliz, outras vezes profundamente angustiado. E, quando entra no seu “mundinho”, não esquece o outro que o cerca, miserável, cruel, sofrido, que é por ela “biografado”.

Biografia é bem o termo para o que Carolina Maria de Jesus faz em relação à favela em que vive. Em seu barracão há quase uma dezena de cadernos nos quais ela escreveu o dia a dia daquele aglomerado humano. Com sua caligrafia nervosa, ela conta coisas que nenhum escritor do mundo será capaz de contar com tanta propriedade: traça um retrato sem retoques da favela, que aparece nítida, impressionantemente revelada em um “diário” em quadrinhas, que são quase notícias de jornal, ou em “contos” e “romances” cujos personagens fervilham sob telhados de lata e zinco.

A miséria desperta o espírito - Carolina Maria de Jesus tem 44 anos de idade. Nasceu em Sacramento, Minas Gerais, onde permaneceu até a juventude e onde aprendeu a ler (curso dois anos de escola primária) e a gostar dos livros. Depois os pais foram para a roça, e ela veio para São Paulo, sozinha, em 1927, trabalhar como doméstica. Aqui, sofreu a desilusão da grande cidade. Não se casou. Sem orientação, sem que ninguém a amparasse, procurou uma vida melhor, um emprego que lhe proporcionasse um salário mais digno, mas não encontrou. Terminou morando num cubículo sórdido, na antiga favela dos baixos do Viaduto Santa Ifigênia.

Desde então, vive de apanhar papéis no lixo para vender. Entre eles, achava velhos livros, muitos incompletos, faltando páginas inteiras. E tudo que achava ia lendo. Foi quando começou a escrever. Primeiro descobriu a poesia, e tudo era motivo para quadrinhas ingênuas, de lamento pela vida miserável que levava; depois bem ingênuas, de amor, de pobreza, de incompreensão, história que ela mesma vivera. Começou, então, uma fase de exaltação. Ela descobrira algo em si própria, e isso lhe trouxe inquietação. Um dia, alguém viu o que ela escrevera e aconselhou-a a ir a um jornal. Peregrinação através das redações:

olhavam-na de alto a baixo, a pele escura coberta de andrajos. Uns sorriam, outros tinham pena, diziam-lhe palavras formais de incentivo. Uma vez um jornal publicou sua fotografia com uma pequena legenda “curiosa” e só. Dos jornais passou a percorrer as editoras, pois alguém lhe dissera que ela era uma autêntica escritora.

Quando era recebida, o máximo que acontecia era dizerem-lhe, por piedade, que não podiam publicar suas histórias porque “está faltando papel”. Desistiu, mas continuou a escrever. E até hoje escreve, mas não visando uma publicação e sim por necessidade que sente de escrever, simplesmente pôr no papel o que ela quer dizer ao mundo, e o mundo não quer ouvir.

Entre os seus cadernos, há um que narra a sua vida desde a infância até o capítulo negro da favela. Em poesia, ela conta, quase no fim, toda a sua mágoa por não haver encontrado quem compreendesse a sua ânsia de dizer alguma coisa ao mundo:

**Não digam que eu fui rebotalho  
que vivia à margem da vida  
digam que eu procurava trabalho  
mas fui sempre preterida  
digam ao meu povo brasileiro  
que o meu sonho era ser escritora,  
mas eu não tenho dinheiro  
para pagar uma editora.**

Quarto de despejo - Os cadernos de Carolina Maria de Jesus são divididos em “poesia”, “contos”, “romances e provérbios”. Folheando-os, descobrimos coisas surpreendentes. Antes de tudo, ela é dotada de agudo senso de observação e talvez por isso retrate tão bem o meio em que vive. Dentre os seus escritos, o mais surpreendente é um “diário” em que ela descreve a vida no seu barraco e, talvez sem querer, faz uma autêntica reportagem da favela, que define como sendo o “quarto de despejo de São Paulo”. Quando a vimos pela primeira vez, ela protestava contra um grupo de marmanjos que se apossara de um parque infantil instalado para as crianças da favela do Canindé. Reclamava contra os brutos e se queixava da favela:

— Aqui é assim. Não há ricos, só pobres, uns prejudicando os outros.

No seu barraco ouvimos mais coisas sobre a favela e, finalmente, vimos os cadernos de Carolina Maria de Jesus. Um deles, empoeirado, folhas amareladas, era o “diário”, iniciado no dia 15 de julho de 1955. Dele transcrevemos alguns trechos, conservando a forma, as frases curtas que muito dizem. Apenas a grafia de uma ou outra palavra será corrigida aqui. Eis como começa o “diário”:

“15 de julho, aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela, mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei três litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e me deu pão.

(...) 24 de julho de 1955...

(...) “Suporto as contingências da vida, resoluto. Eu não consegui armazenar dinheiro para viver. Resolvi armazenar paciência. (...)”

Eis uma pequenina amostra das coisas que Carolina Maria de Jesus nos conta. Tudo isso ela escreve em seu barracão, às vezes ouvindo o choro dos filhos, que pedem comida, outras, as impicâncias dos vizinhos.

Repórteres editarão Carolina - O repórter que assina esta reportagem e um grupo de companheiros que tiveram oportunidade de ler os escritos de Carolina Maria de Jesus resolveram cotizar-se para custear a edição dos “Diários” e outros trabalhos sobre a favela. No volume serão reunidas também algumas das quadrinhas e, possivelmente, alguns “contos”.

**Reportagem de Audálio Dantas que se tornou histórica por revelar a escritora Carolina Maria de Jesus e originalmente publicado na Folha da Noite em 9 de maio de 1958. Está no livro “Audálio Dantas - Tempo de reportagem: histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro”, que ele publicou em 2012 pela editora Leya.**

# Greve completa mais de 4 meses no Correio Popular

Leticia Ferracioli/TRT15-Campinas



A RAC foi condenada pelo TRT, mas não cumpre a sentença

A Rede Anhanguera de Comunicação (RAC), grupo de comunicação de Campinas responsável pelo jornal *Correio Popular*, entre outros veículos, continua devendo salários e benefícios, e os jornalistas estão sem pagamento desde fevereiro, depois de enfrentarem mais de dois anos de constantes atrasos. Os profissionais estão em greve desde 14 de fevereiro.

Os grevistas foram vitoriosos no julgamento do dissídio, no último 9 de maio. Por unanimidade, o Tribunal Regional da 15ª Região (TRT15-Campinas) reconheceu a legitimidade da paralisação e condenou a RAC a quitar a dívida, que inclui, além dos salários devidos desde fevereiro, os dias paradas no período de greve, o 13º de 2017, seis meses de vales refeição e alimentação, o adicional de um terço aos que saíram de férias nos últimos dois anos, mais os depósitos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), que estão irregulares desde 2014.

O prazo para a RAC pagar o que deve terminou em 24 de maio, mas a empresa solicitou embargos de declaração, instrumento jurídico no qual a rede pediu esclarecimentos sobre a sentença, fazendo com que, na prática, os pagamentos sejam protelados.

Sem quitar a dívida nem dialogar com seus trabalhadores, a RAC ainda está descontando os dias parados e não paga os vales refeição e alimentação aos grevistas. Segundo denúncia recebida pelo Sindicato dos Jornalistas, a rede está contratando profissionais, sobrecarrega os que ficaram na redação e coloca estagiários para cobrir o trabalho dos grevistas, o que é prática antissindical.

Apesar da empresa alegar dificuldades financeiras para honrar os pagamentos, o proprietário da RAC, o diretor-presidente Silvino de Godoy, segue com viagens habituais a passeio pela Europa.

# Ato em Defesa da Democracia e do Sindicato marca 81 anos do SJSP

Jornalistas, midiativistas, sindicalistas, blogueiros, estudantes e representantes de movimentos populares participaram do Ato em Defesa da Democracia e do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP), mobilização que lotou o Auditório Vladimir Herzog no último 8 de maio. A atividade marcou os 81 anos do SJSP, que se completaram em 15 de abril.

Expressando seu repúdio ao golpe à democracia que o país vivencia desde 2016, os participantes ressaltaram a importância do jornalismo para a transformação dessa realidade, sobretudo a partir das mídias alternativas com um resgate da verdade nos conteúdos produzidos.

No ato público, Paulo Zochi, presidente do SJSP, destacou que o Sindicato nunca vai se afastar de seu compromisso histórico com a democracia. “A entidade parte da compreensão de que o processo político em

curso a partir do impeachment tem um caráter antinacional e antipopular, como mostram a entrega do pré-sal a multinacionais e o desmonte chamado de ‘reforma’ trabalhista. Como um sindicato pode hoje defender de fato as condições de trabalho de uma categoria sem se engajar na luta pela revogação das reformas, sem o combate ao golpe e por uma saída democrática para o Brasil?”, questionou o sindicalista.

Entre outros convidados, a mesa de debates teve a presença de jornalistas como Laura Caprigione, dos Jornalistas Livres, Laurindo Lalo Leal Filho, professor da ECA-USP, a freelancer Maria Inês Nassif, e Paulo Salvador, da Rede Brasil Atual. Com apoio do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão de São Paulo (Sated-SP), o evento teve diversas intervenções culturais, além de exposição de charges da cartunista Laerte Coutinho.

## Atualize seu cadastro e receba a nova Carteira Sindical

O Sindicato dos Jornalistas lançou a nova versão da Carteira Sindical, que agora tem foto e os dados do profissional. Para receber a carteira gratuitamente, quem é sindicalizado deve fazer a atualização do cadastro pela internet acessando <http://bit.ly/2saRX7O>

A carteira é a identificação do associado ao Sindicato em diversas situações, principalmente para facilitar a utilização dos convênios e parcerias que beneficiam o sindicalizado.



# Eleição no Sindicato dos Jornalistas acontece de 7 a 9 de agosto

*Nova direção estará à frente da entidade na gestão 2018-2021*

As eleições para a direção 2018-2021 do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP) ocorrem entre os dias 7 e 9 de agosto na capital, interior e litoral paulista. A única chapa inscrita é a “**Audálio Dantas - Por Direitos e Democracia**”, encabeçada pelo atual presidente, Paulo Zocchi, jornalista da Editora Abril. Confira as propostas da chapa no final da matéria e conheça os participantes na página 15.

A chapa única homenageia Audálio Dantas, mais importante nome da história do Sindicato. O jornalista, que morreu no

último dia 30 de maio, aos 88 anos, na capital paulista, dedicou a vida à luta contra a ditadura, pelos direitos humanos e em defesa dos princípios democráticos e, por isso, o nome de Audálio é simbólico nessa conjuntura de estado de exceção (leia o especial em homenagem ao jornalista, das páginas 5 a 12).

De acordo com o novo Estatuto, aprovado em agosto de 2017 no 15º Congresso Estadual dos Jornalistas, a chapa à direção do Sindicato tem um mínimo de 50% de mulheres para compor a Diretoria Plena,

a Diretoria Executiva e as direções de ação sindical.

Dados da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) apontam que as mulheres são mais de 50% da categoria no Brasil e o percentual chega a 65% nas assessorias de imprensa. A cota de gênero visa refletir esse universo de trabalho, além de aproximar o Sindicato das jornalistas que estão na base, e de ampliar os espaços de construção coletiva no SJSP.

Conjuntamente com a chapa à diretoria do Sindicato, também ocorre a eleição para

a Comissão de Ética com cinco candidaturas avulsas para cinco vagas (saiba mais na página 15). A nova regra também foi aprovada na última mudança estatutária.

**Como votar** - Como determina o Estatuto do SJSP, para votar é preciso estar sindicalizado por pelo menos seis meses antes da data da eleição, estar em dia com o pagamento das mensalidades ou ter quitado todas as contribuições devidas até 22 dias antes da votação. Veja os horários e locais em cada dia de votação no site: [www.sjsp.org.br](http://www.sjsp.org.br).

## Chapa 1 - “Audálio Dantas, por direitos e democracia”

*Em defesa dos jornalistas*



A Chapa 1 “**Audálio Dantas – Por Direitos e Democracia**” se apresenta às eleições para a diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP) com a proposta de fortalecer a entidade como ferramenta em defesa das condições de vida e trabalho da categoria, bem como de resistência e de luta pela democracia no país.

É preciso continuar, ampliar e aprofundar o trabalho feito pela atual direção do Sindicato. Nos últimos três anos, o Sindicato se colocou de maneira firme contra o golpe de 2016, honrando a tradição democrática da entidade, e somou forças contra as “reformas” trabalhista e da Previdência. Nos locais de trabalho, buscou organizar os jornalistas – nas campanhas salariais, na resistência às demissões, nas greves contra o desrespeito aos

direitos e contra os atrasos de salários – para tomarem coletivamente em suas mãos a defesa da profissão. Agiu também para valorizar a profissão, batendo-se pelo respeito ao exercício profissional e contra a violência que atinge jornalistas, nas redações e nas ruas.

Nossa chapa valoriza o vínculo com a Central Única dos Trabalhadores (CUT), que agrupa o sindicalismo combativo e é o grande pilar de defesa dos direitos trabalhistas no Brasil, ontem e hoje. Junto com a CUT, defendemos a preservação do patrimônio público nacional (como a Petrobras e o pré-sal) e lutamos contra o atual ativismo do Judiciário, tanto quando viola o sigilo de fonte de vários jornalistas, como quando condena sem provas o ex-presidente Lula, para afastá-lo das eleições de outubro. Por isso, estamos entre aqueles que exigem a liberdade de Lula e o seu direito de ser candidato.

O futuro do Sindicato está em sua apropriação cada vez maior pela própria categoria. Os jorna-

listas precisam de sua entidade para resistir coletivamente à precarização, e a entidade só será mantida se contar com o amplo apoio político e material da categoria. Por isso, nossa ação cotidiana busca o enraizamento da entidade em cada redação, com a sindicalização maciça dos profissionais, única forma para que o SJSP possa atuar de forma eficaz na defesa das condições de trabalho.

Queremos um sindicato aberto aos jornalistas, que seja um espaço privilegiado de debate sobre os rumos da profissão e de elaboração coletiva sobre os meios de fortalecer o exercício do jornalismo.

Nossa chapa, tendo sido a única a se apresentar para a eleição, reafirma a importância do voto de cada jornalista, pois é um momento de fortalecimento do sindicato: compareça às eleições, convide os colegas a se filiarem à entidade, ajude a reforçar a resistência e a luta dos jornalistas de São Paulo. Vote Chapa 1!

Os jornalistas vivem em 2018 um cenário profissional muito difícil, com suas convenções coletivas em xeque, redações cada vez menores, demissões, desemprego e precarização. Como o conjunto dos trabalhadores, estamos sob um estado de exceção que desmonta as leis trabalhistas, ataca os direitos democráticos e as entidades sindicais.

# Conheça a Chapa 1

## “Audálio Dantas - Por Direitos e Democracia”

Foto: André Freire/SJSP



**Diretores de base:** Leila de Oliveira, Ricardo Andrade, Agildo Nogueira Júnior.

### Piracicaba

**Diretora regional:** Patrícia Sant'Ana (Câmara de Piracicaba)

**Diretores de base:** Paulo Roberto Botão, Adriana Ferezim, Gustavo Franco Annunciato, Martim Vieira Ferreira.

### Ribeirão Preto

**Diretora regional:** Aurení Menezes (freelancer)

**Diretores de base:** David Radessca, Fabiano Gonçalo da Silva, José Luiz Lançoni, Nilton Pinati Júnior, Sérgio Sampaio.

### Santos

**Diretora regional:** Solange Santana (programa Painela de Pressão)

**Diretores de base:** Carlos Alberto Rattón, Carlos Norberto Souza, Diogo Caixote, Matheus Rolan Serafim, Reynaldo Salgado.

### Sorocaba

**Diretora regional:** Fabiana Caraméz (assessoria do Sindicato dos Rodoviários)

**Diretores de base:** Abner Laurindo, Pedro Jorge Courbassier.

### Vale do Paraíba

**Diretora regional:** Fernanda Soares (assessoria do SindCT)

**Diretores de base:** Rita de Cássia Dell Aquila, Edvaldo Antonio de Almeida, Victor Martin da Cruz.

### Conselho Fiscal

João Marques (Sintaxe Comunicação), Norian Segatto (assessoria do Sindicato dos Petroleiros), Vladimir Miranda (Diário do Comércio), Amadeu Mémolo (aposentado), Luigi Bongiovanni (jornal “A Tribuna”, de Santos).

### Presidente:

Paulo Zocchi (Editora Abril)

### Secretária-geral:

Cândida Vieira (Câmara Municipal SP)

### Secretário de Finanças e Administração:

Cláudio Soares (Imprensa Oficial)

### Secretário do Interior:

José Eduardo de Souza (Rádio Cantareira)

### Secretária de Comunicação e Cultura:

Priscilla Chandretti (TV Câmara Guarulhos)

### Secretário de Relações Sindicais e Sociais:

André Freire (repórter fotográfico)

### Secretária de Sindicalização:

Lilian Parise (Sinergia CUT)

### Secretária Jurídica e de Assistência:

Evany Sessa (TV Cultura)

### Secretária de Formação Sindical e Profissional:

Ana Flávia Marx (Barão de Itararé)

### Diretores de Ação Sindical:

Ricardo Vital (TV Globo), Alan Rodrigues (IstoÉ), Cláudia Tavares (TV Cultura), Marlene Bergamo (Folha de S.Paulo), Sérgio Kalili (Rede TV), Thiago Tanji (revista

Galileu/editora Globo), Telé Cardim (TV Record), Guto Camargo (Diário do Comércio), Raphael Salomão (revista Globo Rural/Editora Globo), Érica Aragão (assessoria da CUT), Solange Melendez (Oficina de Mídia), Michele Barros (Correios), Ana Minadeo (Imprensa Oficial).

### Comissão de Registro e Fiscalização

Eduardo Viné (EBC), Jorge Araújo (Agência Photo&Grafia), Flávio Carrançá (Flama Jornalismo).

### ABC

**Diretor regional:** Cadu Bazilevski (assessoria do Dep. Vicentinho)

**Diretores de base:** Roberto Parizotti, Jô Miyagui, Peter Suzano, Vilma Amaro.

### Bauru

**Diretor regional:** Sérgio Paes (TVTem)

**Diretores de base:** Ricardo Santana, Sérgio Borges, Tânia Brandão, Antônio Ramos, José Reis.

### Campinas

**Diretor regional:** Marcos Rodrigues (assessoria do Sindae)

## Confira as propostas e os candidatos à Comissão de Ética

Nós estamos nos candidatando à Comissão de Ética do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo. Ela é uma instância que tem como objetivo principal trabalhar pelo cumprimento do Código de Ética dos Jornalistas, tendo como pressuposto fundamental o acesso à informação por todos os cidadãos e todas as cidadãs.

A Comissão também exerce a fiscalização da conduta profissional da imprensa e a recepção de denúncias relativas ao desrespeito do Código de Ética, além de sua

apuração, apreciação e julgamento das transgressões.

Independentemente disso, pretendemos retomar em nossa categoria o debate sobre as práticas profissionais éticas esperadas pela sociedade dos jornalistas e da mídia, principalmente em uma época, como a atual, dominada pela manipulação e pelos *fake news*.

Também queremos - sob a perspectiva da ética - inserir nas discussões da categoria fatos como as pressões patronais, o

imperativo da audiência e do clique a qualquer custo, a precarização das condições de trabalho e as tentativas de restringir a livre manifestação do pensamento dos jornalistas em suas mídias pessoais. Para isso realizaremos palestras, debates, simpósios e seminários com jornalistas profissionais, estudantes de jornalismo e a sociedade civil.

**Candidatos à Comissão de Ética:** Fábio Venturini, Franklin Valverde, Joel Scala, Rodrigo Ratier e Rose Nogueira.

## PLURALIDADE

## Cobertura de massacres em presídios esconde racismo institucional

Por Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial - Cojira

A escolha das palavras e fontes pode distorcer a cobertura jornalística, escondendo uma tragédia humana sob a terminologia fria e burocrática de uma “crise do sistema”. Essa foi a principal conclusão da pesquisa *Narrativas brancas, mortes negras* que analisou a cobertura do jornal *Folha de S. Paulo* a respeito dos massacres ocorridos durante janeiro do ano passado em presídios de Manaus (AM), Boa Vista (RR) e Natal (RN). Nesse período, após uma série de rebeliões desencadeadas ao longo de 14 dias, 119 pessoas sob a custódia do Estado perderam as vidas.

Realizado pela Iniciativa Negra por uma Nova Política sobre Drogas (INNP), Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC-USP), Ponte Jornalismo, com apoio da Agência Alma Preta, o estudo demonstrou que a esmagadora maioria das fontes consultadas eram da polícia, do governo, a versão chapa branca oficial da rebelião, e que não houve um contraponto. “O dado que chama mais atenção na pesquisa do ponto de vista das palavras é a ausência da palavra negro. Ela é citada apenas uma vez durante toda a cobertura”, diz

Pedro Borges, da Agência Alma Preta.

Para ativistas de direitos humanos e pesquisadores do tema de segurança pública, o sistema carcerário é uma das faces mais cruéis do racismo institucional. E a palavra “crise”, por exemplo, que foi como a *Folha de S. Paulo* classificou os acontecimentos de janeiro de 2017, seria, também, falaciosa, uma vez que deixa subentendido que os massacres decorreram de uma fase ruim de um sistema que geralmente funciona, ponto questionado pela pesquisa. O estudo aponta também que a não humanidade dos sujeitos encarcerados foi central na cobertura da *Folha*. Palavras relacionadas à barbárie como “massacre” e “decapitação” apareceram 236 vezes. Já palavras relacionadas à solução do problema como “superlotação” e “privatização” apareceram apenas 28 vezes.

A íntegra da pesquisa está acessível em: <https://bit.ly/2IYFRpn>

*A coluna visa tratar de questões raciais, de gênero e de identidade no jornalismo. Mande sua sugestão para [unidade@sjsp.org.br](mailto:unidade@sjsp.org.br).*

**\*Com colaboração de Cláudia Alexandre**

## Atuação de Luiz Gama como jornalista é reconhecida pelo Sindicato

Artur Bandeira



Pesquisadores destacaram a obra e o legado de Gama

### Seminário organizado pela Cojira lembrou a atuação do “patrono da abolição” dos escravos

Luís Gonzaga Pinto da Gama, o Luiz Gama, foi uma das figuras mais combativas do século XIX em prol da abolição da escravatura. Atuava como advogado de pessoas escravizadas e na imprensa da época, escrevendo artigos sobre o tema. Fundou *Diabo Coxo*, o primeiro jornal ilustrado humorístico da cidade, ao lado do caricaturista Angelo Agostini. No último 17 de maio, essa atuação ganhou destaque com o descerramento de uma placa na sede do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP), que reconhece seu legado.

Em seminário, organizado pela Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira-SP), a professora da Unifesp, doutora Lígia Fonseca Ferreira, que é estudiosa de Gama, contou sobre sua vida e leu alguns de seus textos. Já o jornalista Oswaldo Faustino, integrante da Cojira, falou de seu livro “A luz de Luiz”, que traz uma ficção sobre Gama. A conversa foi mediada pela jornalista Cinthia Gomes, que estuda o tema em mestrado na USP e também é integrante da Cojira.

Em meados de 1860, Gama foi jornalista de grande audiência, cronista e comentarista jurídico, político e sobre temas da escravidão. Além do *Diabo Coxo*, escreveu para *Cabrião*, *Radical Paulistano*, *O Ipiranga*, *Correio Paulistano*, *A Província de São Paulo* (hoje *O Estado de S. Paulo*), *Gazeta do Povo* e jornais da corte – como *Gazeta da Tarde*, *O Abolicionista* e *Tiradentes*. Também foi fundador e proprietário do periódico *O Polichinello*.

Combativo - Em seus textos, Gama dava visibilidade aos abolicionistas negros: “Acabo de ler, sem espanto, mas com pesar, o (...) escrito, publicado na (...) Província [de São

Paulo] de hoje, contra o distinto cidadão José do Patrocínio. Em nós, até a cor é um defeito, um vício imperdoável de origem, o estigma de um crime; e vão ao ponto de esquecer que esta cor é a origem da riqueza de milhares de salteadores, que nos insultam; que esta cor convencional da escravidão, (...) à semelhança da terra, [a]través da escura superfície, encerra vulcões, onde arde o fogo sagrado da liberdade”, escreve *Gama na Gazeta do Povo*, em texto citado por Lígia Ferreira na sua palestra.

Filho de mãe negra e pai branco, foi vendido como escravo, pelo próprio pai, aos 10 anos de idade. Permaneceu analfabeto até os 17. Conquistou judicialmente a própria liberdade e passou a atuar na advocacia em prol dos escravizados – estima-se que tenha libertado do cativeiro mais de 500 escravos. Faleceu em 1882, seis anos antes da sanção da Lei Aurea, que agora completa 130 anos. Em 2015 foi reconhecido como advogado pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e neste ano, quando se completam 188 anos de seu nascimento, é hoje reconhecido como jornalista pelo SJSP.

Em 1870 foi acusado de “caluniar” o juiz municipal Antonio Pinto do Rego Freitas, que hoje dá nome à rua do Sindicato dos Jornalistas e onde agora há uma placa que reconhece o trabalho de Gama: “jornalista atuante na imprensa de seu tempo e grande influenciador das lutas pelo fim do regime escravocrata, reconhecido como o maior abolicionista do Brasil e patrono da abolição da escravidão do Brasil”.

**Colaboração de Guilherme Soares Dias, da Cojira-SP**